

CEM ANOS DE FÚLVIO ABRAMO

One Hundred Years of Fulvio Abramo



Espanha 1936
Xilogravura de Lívio Abramo
(abaixo, detalhe)



Paula **ABRAMO** (Tradutora e professora da Universidade Autônoma do México)

Fala pronunciada no ato-homenagem ao centenário dos militantes trotskistas Fúlvio Abramo e Hermínio Sacchetta e ao 75º aniversário da Batalha da Praça da Sé realizado no sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo em 19 de outubro de 2009.

Dedico a minha intervenção neste ato à memória da minha avó Anna Stefania Lauff, filha de um soldado do Exército Vermelho, operária e combatente da Frente Única Antifascista durante a batalha da Praça da Sé.

Conheci pouco o meu avô. Nasci e moro no México, onde o meu pai exilou-se a partir da ditadura. Com o correr do tempo, alimentei pelo meu avô uma admiração que cresceu conforme eu fui descobrindo o quanto são frutíferas as lições da sua filiação política para a nossa prática atual. Originalmente eu tinha escrito para esse ato uma outra fala, mas dois dias atrás, num re-encontro felicíssimo com as minhas tias e primos, descendentes do irmão mais velho do meu avô, a Alcione Abramo entregou pra mim um pacote com cerca de quarenta cartas que o meu avô escreveu aos seus pais e irmãos durante a sua prisão no Presídio Político Maria Zélia e a sua estadia na Bolívia, entre 1935 e 1945.

O meu avô deixou entre os seus descendentes e amigos lembranças fantásticas, não só pela sua generosidade, solidariedade e entrega à luta revolucionária, mas também pelas peripécias que ele viveu e que gostava de contar nas reuniões familiares, diante de grupos de ouvintes encantados. Ele é lembrado como um conversador excelente, que não desprezava as crianças como interlocutores. As suas cartas revelam um olhar francamente poético, combinado com um barroquismo delicioso que nunca perdia de vista a concatenação lógica das imagens. Virtude militante e jornalística: o meu avô sabia ver.

Em uma carta datada o dia 13 de Junho de 1939 e dirigida a sua irmã Berenice, o meu avô descreve as difíceis condições do seu emprego como ajudante de motorista com as seguintes palavras:

“Devia eu viajar desde Santa Cruz até Vila-Vila, isto é, 474 quilómetros entre as majestosas montanhas dos Andes imensos. Viajava-se a qualquer hora, de dia, de noite, com ou sem lua. A cordilheira eleva-se a alturas vertiginosas e nada mais grandioso do que escalar em caminhão esses gigantes. Ao alto, um céu azul, tão azul como o cobalto, e o condor voando silenciosa e poderosamente sobre vales profundos, que se precipitam a dois, três, quatro, cinco e seis mil metros. Entre pedregais espantosos, rios rugem no fundo como tigres rugindo feridas de morte e arrebatam galhardos, carregam penhascos, alisam penhas vastas, e tem a violência de chamuscas de incêndios e a suavidade de luvas de musgo acariciando braços de pétalas de lírio. Cores na natureza espalhadas com força, com energia, como se algum pintor apressado houvesse querido atirar sobre o mundo com ira a sua palheta misturada. E pedras, pedras azuis, negras como leopardos á espreita de uma presa apetecida, brancas como um martírio chinês para os olhos, verdes, á semelhança de olhos líquidos de inglesa estilizada, amarelas como laranjas de Palermo inchadas com os pulmões de Netuno. E de todos os lados, montanhas, feras em atitude de espera silenciosa e ameaçante, querendo atirar-se sobre o caminhão, querendo matá-lo. (...) E faz frio. Seco, que queima como fogo. As vezes são 18 abaixo de zero e, outras, em Potosí, 26, 27. E sopra um vento chamado “Sur”, porque vem do Pólo antártico, que se diverte em cortar a cara da gente como taquara rompida ao meio.”

Num momento em que a situação econômica e anímica dos pais do Fúlvio no Brasil e das irmãs na Itália era terrível, ele recorria ao intelecto para aliviar a agonia e o desânimo, tanto próprio como alheio, recomendando sempre “não olhar tanto pra dentro”, “ver o que acontece lá fora”, “estudar economia política” e “aprender grego antigo”.

Orgulhava-se da sua integridade. Em carta escrita ao pai, Vincenzo, em italiano, em novembro de 38, refletia desde a Bolívia:

“mais de uma vez nestes últimos tempos que passei na solidão perguntei a mim mesmo se toda a fonte de vida que o senhor me deu devia necessariamente conduzir-me por este caminho. A minha consciência, porém, está tranqüila, porque sinto que eu não tenho enganado a minha pessoa nem fugido de mim mesmo.”

* * *

Eu, no entanto, mais ou menos afastada das aventuras e das lembranças embaçadas do meu avô, guardo dele a imagem de um homem completa e organicamente consagrado a uma causa que ocupou sempre o primeiro lugar de importância nas suas lealdades, nas suas ações e até nas suas conversas mais corriqueiras.

Ao homenagear a memória de Fúlvio Abramo, a gente está homenageando, em realidade, uma coisa que vai mais além das suas qualidades pessoais. A gente está homenageando a idéia que guiou a sua vida e a do Hermínio Sacchetta: o marxismo revolucionário, que não é mais do que a expressão intelectual de uma realidade social tangível: a luta emancipadora do proletariado.

O que estamos fazendo aqui é uma festa proletária, porque celebra essa luta, e é uma honra para mim poder participar dela agora como membro, que sou, de uma geração marcada pela queda do estado operário degenerado da União Soviética. Essa derrota histórica transmitiu ao movimento operário uma profunda desmoralização e deixou como seqüela uma confusão devastadora, oportunamente aproveitada pelos ideólogos da burguesia para fazer crer que o marxismo e o bolchevismo são coisas do passado e que a história já comprovou que esse caminho não é viável.

Na nossa América Latina, por exemplo dentro desse ambiente marcado pela falta de claridade ao momento de enxergar a linha de classes, setores amplos, corajosos e combativos do movimento operário têm chegado ao ponto de apoiar os governos burgueses e inclusive de se integrar a eles. Entretanto, se alguma coisa devemos aprender das lições deste século é que, como escreveu o meu admirado Hermínio Sacchetta, “Afere-se o caráter de um partido que se proclama proletário por sua posição ante o Estado burguês”, chamado pelo Hermínio, segundo a expressão de Engels, “comitê executivo” da classe dominante; uma caracterização que continua sendo válida nos nossos dias. O meu avô, a uma idade avançada, fustigava aqueles partidos que se opunham a “esclarecer as massas operárias e camponesas de que seu inimigo é o capitalismo, é a burguesia.”

Meu avô Fúlvio era um botânico exímio. Recorreu as florestas da Bolívia em batidas destinadas a combater as epizootias orientais; participou em várias revistas científicas de Uruguai, Estados Unidos, México e a Índia inglesa, entre outros países. Ao longo dos anos, conseguiu formar uma vasta coleção de orquídeas. Essa viagem ao Brasil me permitiu descobrir que algumas das orquídeas que o meu avô adquiriu há quase meio século continuam florescendo copiosamente. Esta celebração aqui não é uma celebração do passado, mas do futuro. O fato da classe operária ter atraído ao seu lado figuras do calibre do Fúlvio Abramo e do Hermínio Sacchetta é a melhor prova de que essa classe é a dona do futuro.

Obrigada

18 de outubro de 2009



acima, paula abramo
na mesa do ato.



acima a direita, plenário
do ato-homenagem.

ao lado, antônio Cândido,
jacob gorender, Markus sokol
e Marcelo abramo, na
mesa do ato

